

A arte de chamar nomes¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Será a Dulce um torrão de açúcar? É verdade que a Severina se veste de couro negro e usa um chicote? E que o Aníbal come gente? Os nomes podem revelar aspetos importantes da maneira de ser das personagens. Como tal, batizá-las constitui uma tarefa tão importante quanto delicada, e exige alguma reflexão por parte do escritor.

Para escolher os nomes da sua gente de papel e tinta, os autores recorrem a uma grande diversidade de fontes. No romance “A Canção de Salomão”, Toni Morrison seguiu o método usado pelos afro-americanos para batizar os filhos: abriu a Bíblia ao acaso e apontou para um versículo. Desgraçadamente, a sua personagem, uma mulher negra, herdou o nome do governador da Judeia, Pilatos. Outra autora, Celia Rees, prefere olhar para as lombadas das obras que tem na estante, e combinar nomes e apelidos de escritores famosos. Seguindo este método, por que não inventar um Fernando Camões ou um Luís Vaz Pessoa? Se a inspiração lhe falha, recorra a listas telefónicas, dicionários de mitologia ou até títulos de canções (“Layla” ou “Roxanne”).

Parece-me, contudo, que a escolha dos nomes é uma tarefa demasiado séria para ser deixada nas mãos do acaso. Antes de mais, e por uma questão prática, evite utilizar nomes com sonoridade semelhante, como Rob e Bob, para não confundir o leitor. Em segundo lugar, verifique se o nome próprio que selecionou era suficientemente comum naquela época e no grupo socioeconómico a que a personagem pertence. Iremos encontrar uma Hermengarda e uma Hermentruda em “Eurico, o Presbítero”, de Alexandre Herculano, mas hoje nenhum pai chamaria tais coisas a uma filha, e ainda bem. Por fim, verifique se o nome pode apontar para uma característica da personagem. Na novela “Daisy Miller”, o escritor Henry James, chamou Daisy (“Margarida”) à protagonista, para realçar a sua inocência primaveril. Por contraste, batizou de Winterbourne (“nascido no Inverno”) o pretendente desta, um sombrio bota-de-elástico.

É na literatura infanto-juvenil que encontramos alguns dos nomes mais imaginativos e sonoros. Penso em Benny Bernhart Bortorowski, a primeira personagem que Martin Godfrey inventou; em Pinóquio, de Carlo Collodi; ou no destemido João Sem Medo, de José Gomes Ferreira.

¹ Mancelos, João de. “A arte de chamar nomes”. *Os meus livros* 89 (agosto 2010): 35.

Por vezes, os nomes de algumas personagens célebres entranharam-se na cultura popular: por exemplo, a Lolita do romance homónimo de Vladimir Nabokov, passou a designar, na linguagem corrente, qualquer rapariga atrevida que seduz homens mais velhos. “Pela manhã, um metro e trinta e dois a espichar dos soquetes, era Lo, apenas Lo. De calças práticas, era Lola. Na escola, era Dolly. Era Dolores na linha pontilhada onde assinava o nome. Mas nos meus braços era sempre Lolita”, confessa o namorado da ninfa.

Um velho ditado afirma: “as palavras têm significado, mas os nomes têm poder”. Nomes próprios e apelidos, alcunhas e diminutivos — as nossas personagens são aquilo que lhes chamamos. Saibamos, pois, batizá-las com imaginação e arte.